



Agenciando casas e(m) movimentos: o trabalho cotidiano de mulheres vaqueiras e a categoria feminina na vaquejada pé de mourão cearense

Laenia Nascimento da Silva¹

Resumo

Com base em um estudo etnográfico realizado em duas fazendas no município de Sobral (CE), esta pesquisa busca analisar o trabalho feminino exercido nessas casas de morada e a presença das mulheres nas vaquejadas pé de mourão cearenses a partir da existência de um coletivo denominado Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA). A partir da problematização da invisibilidade das mulheres, do seu apagamento em espaços públicos e privados, e a escassez de produções envolvendo mulheres na agropecuária sertaneja, procuro demonstrar como as vaqueiras aparecem a partir do razoável sucesso obtido por elas com a AFEVA e a categoria feminina, que apesar de mínimo, aciona a sua presença na cena pública, performática e ritual das vaquejadas. As mulheres, enquanto sujeitos generificados e relacionados ao cuidado (seja ele direcionado a criação dos filhos, da casa, dos animais - de terreiro e/ou de seus cavalos de corrida), quando associadas à dimensão feminina-materna, lidam com julgamentos morais concernentes a ser ou não uma boa mãe, principalmente pela constante necessidade de mobilidade que as competições acionam. Essa movimentação provoca ainda adaptações quanto ao uso da “casa”, visto que, por se estenderem por mais de três dias, os caminhões-boiadeiros ocupam nesse cenário de disputas, a função de casa para vaqueiros e vaqueiras, sendo esse o seu local de descanso, banho e preparo de refeições. Destaco que esse movimento de mulheres, apesar dos ideais de rompimento com uma estrutura dominante masculina, não necessariamente coincide com aqueles dos movimentos feministas, mas ocorre dentro de um agenciamento feminino como maneira de viver uma “tradição” centrada na masculinidade, causando rupturas, efeitos e transformações importantes ao longo dessa inserção.

Palavras-chave: Mulheres, Casa, Vaquejada, Gênero.

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Mestre e doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/UM/UFRJ). E-mail: laenia10.silva@gmail.com.

Introdução

Este trabalho é um estudo sobre mulheres e segue o plano de explorar aspectos contidos e pertinentes no campo de pesquisa que venho desenvolvendo desde a graduação². Para tanto, utilizo-me dos dados de campo coletados desde o ano de 2017, tomando a problematização da invisibilidade das mulheres, do seu apagamento em espaços públicos e privados e sua participação na cena pública, performática e ritual das vaquejadas como foco de análise.

Partindo dos seguintes eixos de: “casa”, “morada”, “não trabalho” e “gênero”, procuro analisar a forma com que essas categorias se fazem presentes em campo e em como elas são operacionalizadas por homens e mulheres, e aqui leia-se vaqueiros e vaqueiras, em duas fazendas de gado no interior do Ceará.

É válido ressaltar ainda que ao evocar a noção de “não trabalho”, me aproprio dos conceitos de Heredia (1979) em análise a família camponesa e a divisão sexual do trabalho entre seus membros. Para a autora, o que seria entendido como “trabalho”, propriamente dito, seriam as atividades realizadas pelos homens e direcionadas ao sustento de seus dependentes, enquanto o que se ocorre como fazer feminino fora classificado como “não trabalho”.

Arelada a essa constatação, ganha destaque ainda a dimensão da “ajuda”³ imposta às funções da mulher. Em superação a esta “complementaridade hierárquica” (WOORTMANN, 1991) que atravessa as mulheres no trabalho das fazendas, aponto para

² O material de campo discutido no presente trabalho é fruto de uma pesquisa exploratória iniciada no curso de graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), situada na cidade de Sobral - CE. Realizada sob orientação do professor Jorge Luan Rodrigues Teixeira, a pesquisa tinha como objetivo compreender como se dava o processo de aprendizagem do ofício do vaqueiro da lida e do vaqueiro da vaquejada, analisando ainda a posição assumida pelas mulheres. No mestrado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ), sob orientação do professor John Comerford, e com coorientação do professor Jorge Luan Teixeira, busquei analisar a presença das mulheres nas vaquejadas pé de mourão cearenses a partir da existência de um coletivo denominado Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA) e da luta constante de suas integrantes para fazer com que a categoria feminina fosse inserida nessas competições. A partir da problematização da invisibilidade das mulheres, o seu apagamento em espaços públicos e privados, e a escassez de produções envolvendo mulheres na agropecuária sertaneja, procurei demonstrar como as vaqueiras aparecem a partir do razoável sucesso obtido por elas com a AFEVA e a categoria feminina, que apesar de mínimo, aciona a sua presença na cena pública, performática e ritual das vaquejadas.

³ Essa caracterização do trabalho feminino como “ajuda” tem rendido estudos recentes (e. g. PAULILO, 1987; CARNEIRO, 2017; CENTELHAS, 2019; DAIANESE, 2020, PAULILO, 2021) que buscam complexificar e desmistificar essa invisibilidade e invalidade do “fazer” feminino, assim como também trago em minha dissertação contribuições a cerca do debate.

uma desconstrução de assimilação da figura feminina ao ambiente doméstico, promovida não somente pela sua participação em ambientes de trabalhos externos à casa, como também em suas inserções enquanto vaqueiras nas competições de vaquejada, entendido como um ambiente majoritariamente masculino.

Antes, a questão da morada e a lida

Nas proximidades da cidade de Sobral, localizada ao norte do interior cearense, desenvolvo um estudo em duas fazendas existentes no município, denominadas “Fazenda Estrela”⁴ e “Fazenda Grotas”, ambas pertencentes a um mesmo proprietário. As propriedades, para além de desenvolverem o trabalho da lida cotidiana exercida pelos vaqueiros, também promovem a execução dos eventos de vaquejada do “Circuito Derruba Boi”, realizado pelo patrão Everaldo durante os meses de maio, agosto e dezembro. Desse modo, é possível afirmar que a lida dessas propriedades é em boa parte um trabalho para as vaquejadas, fazendo delas ações inter-relacionadas.

Ao tratar do ofício do vaqueiro, estamos diante de duas classificações: *o vaqueiro da lida*, responsável direto pela luta diária com os animais nas fazendas; e *o vaqueiro da vaquejada*, sendo esse o profissional que disputa representando o nome do seu patrão e/ou parque, ou mesmo correndo de forma individualizada nas disputas. Apesar dessas duas classificações, é válido ressaltar que o campo de pesquisa, por vezes, me apresenta esses dois tipos de vaqueiros em um só, sobretudo porque os mesmos profissionais que exercem o trabalho da lida cotidiana nas fazendas, consistem nos mesmos vaqueiros e *trabalhadores*⁵ que executam as funções concernentes às vaquejadas, sejam elas: vaqueiro de disputa, cancelheiro/soltador de boi, organizador dos eventos, ou mesmo realizando a montagem da estrutura que compõe o cenário das competições.

⁴ Em meus trabalhos, o nome atribuído às fazendas, localidades, identidade de vaqueiros, mulheres/vaqueiras, proprietário e demais atores sociais que faço menção ao longo de meus escritos são fictícios, mantendo somente as reais identificações da Associação de vaqueiras e a cidade na qual narro o texto (Sobral). A escolha se deu, sobretudo, por se tratarem de pessoas que possuem uma carga excessiva de trabalho; por não ser uma atividade formalizada; por vezes, há a necessidade de trabalharem sob efeito de remédios para dar conta das obrigações que lhes são de responsabilidade nas vaquejadas, a somar ainda o fato de alguns eventos se estenderem por mais de três dias consecutivos; como também pela questão do proprietário ocupar um cargo político na cidade.

⁵ Os chamados trabalhadores são os funcionários hierarquicamente presentes nas fazendas em comparação aos vaqueiros, contratados somente durante o verão, época em que os serviços na propriedade se tornam mais intensos e requerem mais gente para sua realização.

A “Fazenda Estrela”, que se encontra aos cuidados do vaqueiro e administrador Bento, é direcionada a engorda de animais para abate e ao preparo do gado para as corridas. Bento, é quem além da administração da fazenda na ausência do patrão, também exerce a função de organizar as edições de vaquejada que ocorrem na propriedade. Já a “Fazenda Grotas”, administrada pelo vaqueiro Francisco, se volta ao trato e treino dos cavalos para as disputas de vaquejada, sendo ele também o responsável por treinar os animais, além de representar o parque junto com sua esposa Geovana⁶ nas competições ocorridas em outros municípios da região.

Bento e Francisco, para além de vaqueiros das propriedades, configuram-se ainda como vaqueiros-moradores das fazendas. Nelas, eles realizam funções rotineiras, ou para utilizar uma expressão evocada pelo vaqueiro Rosalvo⁷ em uma entrevista: “*de domingo a domingo, em dias santos e feriados*”, não se restringindo somente a uma das propriedades. Havendo necessidade, vaqueiros e trabalhadores se deslocam para onde o trabalho se faz necessário, sobretudo quando ocorrem as competições, em que todos os funcionários, de ambas as propriedades, contribuem com o serviço.

Ao tratar da condição de morada, Palmeira (2009[1977]) a define como se tratando de um contrato de morada firmado a partir da palavra e da confiança estabelecidas entre patrão e empregado. No entanto, ao se conceder essa casa de morada, entende-se que ela não consiste simplesmente em qualquer casa, mas em uma moradia que permita que esses moradores providenciem o próprio sustento e o de sua família, assim como lhes assegure vantagens e possibilidades de usufruto do sítio, tais como o uso de seus arredores (PALMEIRA, 1997), seja para o cultivo alimentar do grupo doméstico a partir do roçado, ou com a criação de animais para consumo próprio ou fonte de renda - função essa exercida, em sua grande maioria, pelas mulheres.

⁶ Geovana foi a primeira mulher vaqueira com quem tive contato, sendo a partir dela também que obtive conhecimento da Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA) e de outras mulheres que também disputavam.

⁷ Rosalvo também já foi morador, junto com sua família, de uma das casas de morada da Fazenda Estrela há tempos atrás. Atualmente, vivendo com uma nova companheira, ele reside na comunidade de São Cristóvão e realiza seu trabalho tanto na Fazenda Estrela como na Fazenda Grotas, quando se faz necessário o seu deslocamento. Aos 65 anos, sendo ele o funcionário com mais anos de profissão, o vaqueiro trabalha na engorda dos animais e executa a função de soltador de boi de cancela em vaquejadas – tanto nas propriedades em que presta serviço como também em vários outros municípios da região. Essas características temporais se mostram bastante pertinentes e fazem com que o vaqueiro exerça um papel de destaque e desfrute de determinadas “liberdades” em comparação aos demais trabalhadores.

Seguindo a mesma perspectiva de Palmeira (1997), também evoco a categoria morador tratada por Teixeira (2014), quando o autor os define como sendo o “(...) trabalhador rural que vive com a sua família numa casa de morada. Isto é: ele é um residente, mora numa casa que não lhe pertence e trabalha nas terras de um proprietário que lhe cedeu aquela casa.” (2014, p. 5). Ainda segundo o autor, o trabalhador rural sendo morador, sua ocupação é variada, assim como a sua forma de remuneração, ou seja, ele tende a exercer as mais variadas funções como parte do seu serviço, podendo receber o pagamento por elas, ou não. Além disso, o tempo de ocupação do vaqueiro fica a mercê do patrão, podendo ser acionado para a realização de um mando a qualquer hora do dia.

A constatação provocada pelo autor é evidenciada pelos vaqueiros aqui analisados, principalmente quando necessitam tratar das imprevisibilidades que surgem ao serviço cotidiano, ou seja, as “surpresas” que fogem à rotina das propriedades. Exercendo a função da lida e a posição de moradores-administradores, cabe a esses resolverem, não significando que receberão remuneração por tais feitos. Leite Lopes (2011) também apresenta uma reflexão nesse sentido ao analisar a questão da morada com os operários de engenhos e das usinas, apontando para a estratégia dos senhores de estanquizar os operários do resto da população com as casas de morada. Ainda segundo o autor, esse atributo se constituía, para além da oportunidade de usufruto do morador, como uma forma de controle direto à esfera doméstica dos operários a partir do ‘benefício’ da moradia (LEITE LOPES, 2011).

O trabalho nas duas fazendas começa logo com o raiar do dia e a chegada de todos os funcionários: vaqueiros, trabalhadores e tratadores de cavalos.

Como mencionado anteriormente, a Fazenda Estrela é direcionada ao trato do gado para as disputas e a engorda dos animais para o abate. Tais atividades requerem atenções específicas a depender dos meses, e conseqüentemente, do tempo/clima. Denomino esse fator como “tempo-ecológico”, uma vez que ele tende a variar de acordo com a estação do ano (verão e inverno), condicionando a jornada diária de cada função exercida na propriedade.

Com a época das chuvas e a impossibilidade de realização de algumas atividades, o foco do trabalho se coloca na pastagem do gado e à feitura de cercas para evitar que os animais saiam das imediações da propriedade. E, se no inverno há uma menor demanda de trabalho, com a chegada da estiagem entre os meses de maio a dezembro, ocorre a

necessidade de se contratar trabalhadores temporários para a execução dos serviços que tendem a se tornar mais intensos, como: (1) a postura da ração para o gado, uma vez que já não se possui mais forragem de mato; (2) a retirada de capim; (3) a limpeza do terreno; como também, é quando se inicia (4) a engorda com os animais para o abate. É nesse período também que começam a se realizar as edições de vaquejada, tanto as que são promovidas pelas fazendas, como nos outros parques a fora.

Como a propriedade realiza o manejo do gado com dois fins específicos: manter o porte dos animais destinados para as corridas e tratar o gado selecionado para a engorda, não há trabalho com vacaria, ou seja, não há retirada de leite em grande quantidade para a venda ou feitura de queijo. O leite retirado todos os dias é destinado aos vaqueiros que trabalham nas propriedades, sendo liberado logo depois para os bezerros. Feito isso, as vacas são separadas de suas crias e seguem com o restante do gado para os cercados. Em seguida, o leite de pertencimento dos funcionários é direcionado à casa para que Lúcia, esposa de Bento, possa realizar o procedimento de cuidado, coamento e separação em garrafas pets.

Quando os cercados não possuem mais forragem suficiente para alimentar o gado – o que é comum no verão -, os animais passam a ser direcionados aos currais e receber ração. É nessa época também que há a seleção do gado destinados a engorda, passando a ficarem confinados, recebendo uma alimentação equilibrada e específica até que se atinja o peso adequado para o abate⁸.

A Fazenda Grotas, distante da fazenda anterior cerca de 5 quilômetros, por se tratar de um haras e estar direcionada ao trato e treino dos cavalos que disputarão nas corridas de vaquejadas, não possui lida direta com gado. A propriedade possui somente duas vacas leiteiras, cujo leite também é direcionado aos funcionários cotidianamente, e alguns bezerros que são utilizados no treino dos cavalos. Após retirado, o leite é levado à casa sede para que Geovana, esposa de Francisco, possa coar e separar devidamente.

Em seguida, os tratadores de cavalos (ou vaqueiros-tratadores) realizam a limpeza das baias, direcionando os animais para os cercados das imediações, partindo depois para o treinamento da cavalaria. Os treinos ocorrem duas vezes ao dia: pela manhã, por volta das 09:00 horas, e durante o fim da tarde, iniciando as 17:00 horas. Essa prática intensiva

⁸ Os açougues para onde são encaminhados os animais abatidos na cidade de Sobral também pertencem ao proprietário das fazendas.

e constante dos animais se dá com o objetivo de fazer com que eles se tornem ágeis, resistentes ao cansaço das corridas que por vezes perduram durante 3 dias seguidos e para que estejam aptos às disputas e também acostumados a diferentes pessoas, visto que há a possibilidade de toma-los alugados.

É comum durante a realização de alguns treinos que Geovana também participe da prática. Ela, assim como o marido, também corre vaquejada representando a Fazenda Grotas, ambos disputando, respectivamente, pelas categorias masculina e feminina. Ademais, para além de suas contribuições com o trabalho doméstico e da participação aos finais de semana nas disputas (sempre que possível), ela também trabalha em uma indústria de calçados na cidade. Isso acaba por lhe exigir uma reelaboração de sua rotina, de modo que possa realizar ambos os trabalhos, simultaneamente.

Agenciando casas

Na lida das fazendas, vaqueiros e mulheres agem sobre categorizações em que suas funções são divididas em atividades destinadas aos homens e às mulheres. E, assim como para os Nuer, meninos e meninas (isso porque, desde cedo homens e mulheres são ensinados sobre quais atividades lhe competem) são induzidos tão logo tenham idade, a exercerem suas funções próprias.

(...) As primeiras tarefas da infância dizem respeito ao gado. (...) A tarefa das meninas e mulheres restringe-se aos estábulos e kraals e dizem respeito principalmente às vacas, enquanto meninos tanto pastoreiam os bezerros no pasto, quanto ajudam no kraal, e depois da iniciação, pastoreiam o gado adulto e, no kraal, dedicam-se principalmente aos bois. As mulheres são leiteiras, os homens, boiadeiros. Ademais, para uma menina, as vacas são essencialmente fornecedoras de leite e queijo e permanecem como tais enquanto ela cresce, casa-se, ordenha e bate leite para a família de seu marido; ao passo que, para um menino, elas são parte do rebanho da família ao qual ele tem direitos de propriedade (EVANS-PRITCHARD, 2008, p. 48).

Entre os Nuer, assim como para os vaqueiros e suas mulheres, há essa classificação entre suas funções, e que, muito embora quem faça a retirada do leite das vacas destinado a propriedade sejam os homens, cabe as mulheres finalizarem esse serviço efetuando o seu coamento e separação. Essa atividade, como mencionei inicialmente, se trata da primeira função realizada pelos vaqueiros ao tratar da lida, e conseqüentemente, também é a de suas mulheres. Ela deve ser realizada com bastante cuidado para que se evite o corte do alimento, como também observa Ana Carneiro: “Na

cozinha, similarmente, por mais hábeis que sejam as mãos cozinheiras, ‘o talho’ é sempre uma preocupação – seja fazer talhar do jeito certo, seja evitar que algo fique ‘talhado’ por descuido” (2017, p. 717-718). O corte ou talho, podendo ser feito intencionalmente ou por acidente, conforme afirma a autora, pode ser sinônimo de preocupação em ambas as situações, uma vez que, para algumas receitas, faz-se necessário sua indução, como para a feitura de queijo ou doces. Para isso, algumas mulheres costumam fazer o uso do suco do limão ou do coalho de algum animal, extraindo o soro que se acrescenta ao leite.

No entanto, por não trabalharem com a retirada do leite em grande quantidade nas fazendas, não há produção de queijo, nata ou manteiga da terra em grandes proporções, a não ser para uso próprio dessas mulheres em casa. Isso, nas palavras de Geovana, consiste em “*um trabalho a menos*”, tendo em vista todo o processo necessário para fazer esses alimentos (com exceção da nata, que se dá na simples ação de retirar uma pasta criada em cima do leite).

Ao tratarmos da inexistência desses processos, Geovana faz menção ao esforço necessário para a feitura de tais itens provenientes do leite, relembando, inclusive, seus tempos de menina e mocidade, quando era obrigada a fazer o queijo nas ocasiões em que sua mãe precisava ir à cidade fazer a feira. As reclamações de Geovana quando jovem se davam em razão de que, embora seja entendido como um trabalho “leve”, a produção do queijo requer bastante esforço em sua realização: seja pela necessidade do levantamento de muitos litros de leite ou de soro que precisam ser transpassados de um balde para outro; em precisar ficar exposta ao calor (principalmente porque nas fazendas e em muitas casas do interior são utilizados fogões a lenha); ou na força e cuidado empregados para fechar a prensa que dá formato ao queijo. A exposição a elevadas temperaturas se torna mais intensa ainda quando se trata da produção da manteiga da terra, pois na sua realização é preciso que a mulher fique por horas à beira do fogo sem que possa sair, além da atenção e de certo modo, da preocupação em não “desandar” – sobretudo se for alguém que tem o “olho” ou “sangue” ruim, ou de se ocorrer muito barulho nas proximidades de onde está sendo realizada a “torra”.

A partir dessas constatações, e em conformidade com Paulilo, é possível considerar que “(...) o trabalho ‘leve’ não significa um trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo ou esforço. Pode ser estafante, moroso, ou mesmo nocivo à saúde – mas é ‘leve’ se pode ser realizado por mulheres ou crianças” (2016, p.

115). Desse modo, o trabalho dessas mulheres, ao qual é atribuído a característica de ser leve, por vezes se apresenta tão pesado e exaustivo quanto aquele realizado pelos homens.

É concernente aos afazeres femininos também, como uma atribuição de cuidado ao grupo doméstico, o preparo do café ao raiar do dia tão logo levantem seus maridos, assim como de todas as refeições que serão consumidas ao longo do dia: almoço, café da tarde e jantar. E mesmo a casa se tratando de um ambiente de “pertença” à mulher, em sua estrutura é comum alguns cômodos serem entendidos como masculinos (sala, alpendre, quintais) e/ou mais femininos que outros (quanto, cozinha, terreiro), a depender de quando os habitam (HEREDIA, 1979).

Desse modo, sendo a cozinha considerada um ambiente de pertença da mulher, é a partir delas (mulher e cozinha), segundo Carneiro (2017), que o sistema da casa está fundamentado, sendo nela onde se preparam - embora seja providenciado pelo “homem” - os alimentos para o sustento corporal dos indivíduos a enfrentarem a labuta cotidiana. No entanto, acrescenta a autora, essa mesma cozinha, “(...) nem sempre se separa de um espaço público. A ‘mexida de cozinha’ fala sobre ‘misturas’ de ‘comidas’ e, também, de ‘pessoas’, de ‘sangue’ – utilizando, em todos os casos, uma lógica e um vocabulário comuns.” (2017, p. 711).

Essa transformação dos espaços privados em públicos também pode ser vista em se tratando dos espaços da fazenda como um todo, que embora no dia a dia sejam tratados como privados na realização da lida, quando se ocorrem disputas de vaquejadas, esses se abrem ao recebimento do público. Nessas realizações, não somente os homens executam funções atribuídas ao acontecimento das competições, como também suas mulheres atuam nesses eventos, seja cuidando da comida na cozinha para convidados próximos e que trabalharão na vaquejada (que por vezes se hospedam nas casas de morada a pedido do patrão), recebendo parentes em suas casas ou como responsáveis (através da confiança que lhes é atribuída) pelo escritório na venda das senhas para as competições.

Apesar de ficar a cargo dos vaqueiros o trato e cuidado dos bichos de criação (PEREIRA, 2015) de grande porte das propriedades – gado, cavalo, búfalos e aqui também entram os bezerros –, é de responsabilidade das mulheres o cuidado dos demais animais de terreiro das fazendas e dos bichos de casa, “Os animais de terreiro vivem nas imediações próximas das residências, no entorno imediato das casas (...) os ‘bichos da

casa' parecem – assim como os homens – gozar de maior liberdade de locomoção” (PEREIRA, 2015, p. 66).

Para tanto, é parte dos afazeres cotidianos dessas mulheres alimentar galinhas, patos, gansos, perus, porcos, carneiros, ovelhas (embora os três últimos citados também possam ser alimentados pelos vaqueiros, entendidos como animais de médio porte), e que podem ser criados tanto para o consumo do núcleo familiar, como também ser utilizados para a venda em complemento à renda dessas mulheres, tendo em vista o tempo empregado por elas a esses animais. Assim como também é de domínio dessas mulheres concederem a alimentação para os bichos de casa criados como domésticos: gatos, cachorros e pássaros (confinados em gaiolas e utilizados como decoração das residências).

Além da alimentação dos animais e do cuidado com membros do grupo doméstico, é função dessas mulheres também, com o auxílio das filhas que ainda residem em casa, a limpeza diária da morada que lhes fora cedida pelo dono, na qual se exige uma manutenção concernente ao habitar dos que nela residem, como também por se tratar de uma moradia de empréstimo, e que necessita de constante zelo e preservação. Assim como também é realizada por elas a feira dos alimentos necessários ao consumo de sua família, tendo em vista que seus maridos trabalham durante todo o dia.

Ao analisar as funções cotidianas desempenhadas nas fazendas, é possível constatar que o ofício do vaqueiro reflete não somente no sujeito que exerce a profissão, ou seja, no homem, pai e responsável pelo núcleo familiar, mas age conseqüentemente sobre seus dependentes, sobretudo as mulheres. Conforme se constatou até o momento, é comum que elas exerçam, juntamente a seus maridos, as funções concernentes à lida, além dos seus próprios afazeres domésticos. Essas atividades poderiam nos levar a crer tão somente no que a autora Ellen Woortmann (1991) constatou em seu estudo de campo no litoral do Rio Grande do Norte com comunidades pesqueiras, onde essa relação se evidencia como uma complementaridade hierárquica entre homens e mulheres, em que a ajuda de um viabilizava o trabalho do outro. Ou, como demonstra Marilyn Strathern sobre o trabalho de homens e mulheres hagen com os porcos, “Pensar no trabalho incorporado no porco é pensar no valor que marido e mulher têm um para o outro” (STRATHERN, 2006, p. 247); mas não se trata somente disso.

A problemática inserida nessas categorias de “trabalho” e “ajuda” no entendimento do que se atribui a homens e mulheres camponeses, e também camponesas, tem remontado a inúmeros debates no campo de estudos do campesinato (e. g. HEREDIA, 1979; WOORTMANN, 1991, PAULILO, 1987). Como bem propõe Dainese (2020), tem sido necessária uma ampliação da ideia dos conceitos de “trabalho” e de “ajuda”, mas também da dimensão de hierarquia complementar existente entre os membros do grupo doméstico e a execução de suas atividades.

Desse modo, argumento que a visão ampliada da ajuda afeta nossos entendimentos sobre a hierarquia complementar existente entre casa e roçado (ou entre atividades da casa e atividades da terra), pois indica que o vínculo com a terra não se limita aos labores realizados fundamentalmente pelo pai de família no seu roçado, envolve também as habilidades e conhecimentos femininos que conectam as pessoas às casas e, por sua vez, à terra (DAINESE, 2020, p. 1215)

O que a autora sugere diante de sua atualização conceitual ao entendimento desses marcadores generificados, seria uma aposta à centralidade da vida doméstica na criação da coletividade, ou seja, do núcleo familiar, para se pensar os sentidos do trabalho da mulher camponesa (DAINESE, 2020). Como bem se evidenciou no laboro das propriedades, apesar dos atributos e reconhecimentos do trabalho estarem atrelados a uma divisão sexual naturalizada entre seus agentes, o fazer feminino possui tanta centralidade quanto aquele do vaqueiro por duas razões: 1) pela dependência desse núcleo doméstico dos afazeres das mulheres; como também 2) pela participação delas na esfera do cuidado da lida.

Se as funções no âmbito doméstico não são classificadas como um trabalho e se mostram exercidas pelas mulheres, o mesmo não acontece quando elas têm de realiza-lo fora. Em 2019, quando realizei campo com Geovana, ela se dedicava cotidianamente ao trabalho que lhe era condicionado à casa, situação essa que mudou no decorrer dos anos. Desde 2020 ela conseguiu emprego em uma indústria na cidade de Sobral, havendo a necessidade de reelaborar sua rotina para dar conta dos dois trabalhos: o de casa e o de fora.

O mesmo acontece com Clarisse e Helena, mulheres vaqueiras que também compõem a etnografia. Clarisse, ao retornar para casa meio-dia após o trabalho, se dedica ao cuidado de sua casa e a fazer a comida para seu companheiro Pedro. Após realizar suas

funções, ela se junta ao marido para a execução do manejo com os cavalos. Esse treino com os animais realizado pelo casal é diário, tendo em vista que se tratam de seus cavalos de corrida (pois ambos disputam vaquejada, ela na posição de vaqueira e Pedro como seu bate-esteira), assim como são os mesmos animais utilizados por Pedro para dar aulas de montaria às meninas que o procuram para aprender.⁹

No entanto, enquanto Geovana e Clarisse dedicam uma parte do seu trabalho ao que é realizado pelos maridos, o mesmo não pode ser considerado comum a todas as mulheres, tendo em vista que nem todas elas dividem a vida com um companheiro. Helena, ao contrário das mulheres mencionadas até o momento, realiza seu trabalho como costureira, tendo de cuidar ainda da lida com o cavalo de corrida da família. Enquanto a ajuda nos exemplos acima estava perpassada entre marido e mulher, com Helena ela está atrelada a seus filhos, quem lhe ajudam com os afazeres de casa e do manejo.

Clarisse e Helena, apesar de não terem sido mencionadas durante a exposição nas mesmas proporções de Geovana, possuem em comum - além da execução do “trabalho” em termos considerados e aceitos como tal por uma sociedade estruturada a partir de uma divisão generificada que desconsidera os afazeres domésticos -, a participação ativa no campo público das vaquejadas. Essa ajuda, imbuída na disposição de auxílios-mútuos (DAINESE, 2020), se expande a partir dessas três mulheres (e de mais quatro delas – Bruna, Alice, Olga e Laura¹⁰) em um coletivo que ultrapassa a ideia de comunidade. A partir de uma rede de contatos, elas começam a promover, para além da casa e da ajuda comunitária atrelada à familiaridade, aos níveis de parentescos e vizinhança (marcadores de uma ideia de “afinidade”), um outro contexto desse conceito inserido em uma criação associativa ligada a um grupo de mulheres, que unidas por uma associação (AFEVA), se destinam à conquista da inclusão da categoria feminina nas disputas de vaquejada.

⁹ Pedro e Clarisse organizam uma escolinha de montaria, o Centro de Treinamento Santo Expedito, reinaugurado com o novo nome (antes chamada de “Escolinha do Pedro”) e espaço de treino, oficialmente em junho deste ano (2023), onde estive presente. Desde de maio, retornando a campo, também comecei a fazer aulas de montaria com Pedro, objetivando perceber diferentes perspectivas sobre o campo, mas dessa vez a partir do meu próprio corpo. Desde então, tem sido bastante interessante entender e sentir, na prática, o que as mulheres me relatavam em nossas conversas, desde termos técnicos à sensações.

¹⁰ Geovana, Clarisse, Helena, Bruna, Alice, Olga e Laura foram minhas interlocutoras na pesquisa de mestrado, além de terem sido as pioneiras na criação da AFEVA e da categoria feminina da vaquejada pé de mourão.

Fazendo movimentos: a afeva

A vaquejada, assim como o ofício do vaqueiro, possui duas classificações: a *vaquejada pé de mourão* e a *vaquejada de faixa*. Apesar de distintas, correndo em duplas, vaqueiro (a) puxador (a) e vaqueiro (a) bate-esteira/esteireiro (a), conservam um mesmo objetivo: derrubar o animal e conseguir o “valeu-boi”.

A vaquejada pé de mourão, comumente realizada na região do Ceará por ser mais acessível em relação ao valor de suas senhas¹¹, recebe esse nome devido aos pontos que são expressos nos mourões ao longo da pista de corrida, contabilizados de 40 a 0. Nessa modalidade, o (a) vaqueiro (a) tem como objetivo alcançar o “valeu boi” com a derrubada do animal o mais rápido possível, considerando que a pontuação é mais alta no início da pista, diminuindo de acordo com que se avançam os metros corridos.

Enquanto a vaquejada pé de mourão ocorre a partir do somatório dos pontos obtidos em cada boi derrubado, a vaquejada de faixa, considerada uma modalidade de elite pelo alto investimento nas premiações, exige mais técnica por parte dos seus competidores (as), precisando derrubar o boi dentro de uma área expressa por duas linhas de cal dentro da pista.

Como fora posto até aqui, mesmo que o ambiente das fazendas esteja condicionado a uma divisão sexual do trabalho, esse mesmo espaço tende a variar de acordo com os corpos que o habitam. Frente a isso, para além da transformação dos espaços, a posição que homens e mulheres ocupam também se modifica, sobretudo para as mulheres que seguem ganhando notoriedade e reconhecimento enquanto vaqueiras. Nos últimos anos o cenário das vaquejadas tem passado por algumas transformações, tornando possível acompanhar a inserção feminina nesse campo, mesmo que a passos lentos e com algumas (muitas) diferenciações em comparação com a categoria masculina. Uma diferenciação importante é a atribuição e uso da posição enquanto “ofício” e que correspondente apenas aos vaqueiros, passíveis de tomar a vaquejada enquanto profissão (seja pela sua valorização enquanto profissionais e categoria ou por possuírem um patrão que acredite no seu potencial e invista no vaqueiro custeando suas senhas).

¹¹ Para disputar, cada competidor deve realizar sua inscrição e pagar uma senha. Os valores variam de acordo com a organização do evento, e cada senha paga permite que vaqueiras e vaqueiros corram de 3 a 4 bois, também variando de acordo com a organização. A vaquejada de faixa, mencionada logo mais, é característica por se tratar de uma competição mais cara devido aos altos investimentos em sua realização. Suas senhas são mais caras, mas, conseqüentemente, o valor de sua premiação é bem melhor.

Bem mais que acompanhantes de seus maridos, as mulheres passam a ocupar agora também o papel de competidoras e a se apropriar desses espaços disputando pela categoria feminina, mesmo que ainda haja uma predominância masculina e inúmeros empecilhos quanto a efetivação de sua participação nas corridas: seja pela efetivação e reconhecimento da categoria feminina; ou por questões pessoais, como o custo financeiro das senhas, pela constante mobilidade durante os finais de semana para diferentes municípios ou pela questão materna ou falta de apoio (de conjugues ou mesmo familiares).

Ao realizar seu estudo com mulheres em uma comunidade quilombola no agreste pernambucano, em Liberdade, Marcela Centelhas chama atenção para o sentido que “fazer associação” representava para a comunidade e para os sujeitos que a integravam e a construíam:

(...) ao experienciar o curso da vida em Liberdade, compreendi que o ‘fazer (A) associação’, este processo que constrói tanto a entidade representativa demandada no desenho da intervenção estatal (a Associação de Moradores), como as relações que a tornam legítima e viável, envolvia muito mais atos e práticas do que a presença naqueles espaços que normalmente associamos à esfera pública (reuniões, atos públicos, marchas, conselhos, partidos políticos etc) (2019, p. 27).

Para a autora, bem mais que formalidades ou reafirmações burocráticas dessa instituição, o que faz essas relações e concretizam seus objetivos coletivos legítimos e viáveis são seus atos e práticas de efetivação de causa. É em concordância a essa afirmação da autora que apresento a AFEVA: um coletivo de mulheres unido a partir de uma rede de afinidades, seja pelo interesse nas disputas como também por gostarem das vaquejadas, tornando possível a inclusão da categoria feminina nas competições.

Como forma de driblar esses impedimentos, que por vezes implicavam na não participação dessas vaqueiras nas disputas, e de evitar que as mulheres se submetessem à situação de ter que disputar dentro da categoria masculina, ou até mesmo na mirim, juntamente às crianças, foi criada a Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA)¹². O objetivo principal do grupo é tornar possível e menos

¹² A questão das mulheres se colocou como um dos meus achados em campo, a somar ainda, e principalmente, a questão de não atuarem somente dentro do ambiente doméstico, mas também para além dele. Desse modo, as mulheres passam a assumir também o papel de vaqueiras, e a se organizarem a partir da Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA), tendo sido ela tema da minha dissertação de mestrado.

burocrática a inserção feminina nas disputas, seja nas fazendas em análise, como também nas corridas que ocorrem em outras cidades, visto que se tratam de mulheres de vários lugares diferentes.

Com isso, a partir da criação da associação, tornou-se possível construir uma rede junto a outras mulheres que, de antemão, também possuíam interesse em disputar nas corridas, e por falta de oportunidade e espaço, não o faziam. Hoje, diante de muita insistência, a categoria feminina segue implementada por alguns parques de vaquejada, apesar de ainda seguirem na luta pela sua premiação fixa e pelo respeito à sua modalidade.

Fundante de subjetividades e fortalecedora desse ofício, a associação de vaqueiras, sendo ela a pioneira da categoria feminina cearense da vaquejada pé de mourão, hoje é conhecida como sendo uma associação “mãe” por ter sido o primeiro coletivo de mulheres dessa modalidade esportiva. Portanto, a AFEVA é considerada hoje dentro das vaquejadas e na categoria feminina como sendo uma referência para os grupos que recentemente vêm surgindo. Esse reconhecimento se estende ainda para suas integrantes, principalmente as veteranas que iniciaram a associação.

No entanto, mesmo com o relativo sucesso obtido a partir do grupo, essa inserção se deu de forma gradual e por etapas, e dentre essas, continha-se muitas concessões da parte das mulheres que a longo prazo surtiriam efeitos. Isso fazia com que elas, ao negociarem com os organizadores, aceitassem disputar somente pelo espaço e bois concedidos, ficando a seus encargos providenciar a própria premiação. Fator esse que ocasiona, até hoje, a pouca valorização e investimentos na premiação da categoria feminina, adotando os bolões¹³ como mais rentáveis para quem promove a disputa.

Essa é uma das principais razões da impossibilidade de mulheres tomarem a vaquejada enquanto profissão, mesmo que haja um grande esforço e investimento por parte das competidoras, tal qual ocorre com os vaqueiros: investimento em bons animais, treinos frequentes, compra de acessórios de corridas (botas, luvas etc). Para Geovana, quem acompanha de perto a desigualdade entre as categorias, principalmente por organizar as edições promovidas pela Fazenda Estrela e pela Fazenda Grotas, enquanto a

¹³ Os bolões de vaquejada tratam-se do somatório do valor de todas as senhas vendidas em disputa. Com isso, a premiação consiste em: metade do valor para o organizador do evento e a outra metade destinada a premiação. No entanto, por ser muito relativo e depender unicamente do número de participantes para correr na categoria, os bolões nem sempre são vantajosos para quem compete, pois já houveram situações de o valor que se pagava na senha ser mais alto que o valor da premiação.

categoria masculina conta com altos investimentos e rende uma boa premiação para os ganhadores, a categoria feminina “*fica só com as despesas, porque tem que pagar o óleo do carro [quando se tratam das disputas em outros municípios], tem que pagar o frete, tem que pagar senha. Aí é só para a gente brincar mesmo, só pelo esporte. Para viver dela não dá, para as mulheres não tem como, não*”.¹⁴

Os carros, mencionados por Geovana, tratam-se dos caminhões-boiadeiros utilizados para o transporte dos cavalos às disputas, e que, durante os dias de corrida, assumem o papel de casa. Ao longo da pista de corrida e arredores, vaqueiros e vaqueiras armam lonas e o veículo assume literalmente a ideia de propriedade, onde em meio ao feno dos cavalos e objetos pessoais, armam-se redes para o descanso. Como apontado por Aires (2008), “Durante os três dias de competição, os caminhões ou casas constituem-se em ambientes provisórios dos vaqueiros, onde estes constroem relações sociais em um local eminentemente privativo” (AIRES, 2008, p. 70).

É necessário, durante as vaquejadas, que todos se organizem para melhor passar durante o fim de semana. Por essa razão, as vaqueiras se organizam para levar os mantimentos para fazer comida (tanto para elas como também, quando é o caso de irem acompanhadas, para os vaqueiros e filhos), fogão ou fogareiro, a tenda para lhes proporcionar sombra no tempo ensolarado, isopor com água, bebida e gelo, rede para dormir, tudo isso levado no carro boiadeiro de transporte aos cavalos. No entanto, o caminhão recebe ainda uma outra atribuição: a de banheiro. Como nem todos os parques possuem uma estrutura que permita abranger todos os participantes, as mulheres costumam fazer dos caminhões seus banheiros, garantindo sua privacidade, como afirma Geovana:

Nas vaquejadas que não tem banheiro a gente toma banho dentro do caminhão. A gente leva baldes todos cheios d’água, que também serve para fazer as comidas. Como ele [caminhão] é todo fechadinho e em cima tem a lona, dentro tem aquelas borrachas de plástico, e bem no cantinho tem um buraquinho, daí a água desce. Depois é só passar o rôdo. A gente coloca as cortinas e pronto, fica bem fechadinho, nem vê que tem gente lá não!

¹⁴ As edições em que a categoria feminina se faz mais valorizada são as organizadas pelas próprias vaqueiras em seus parques, ou por organizadores (as) que valorizem a categoria feminina, sobretudo quando se tratando de vínculos familiares.



Foto 1: Carro de boi estacionado paralelo à pista e feitura do fogo para o preparo de refeição. A corda amarrada ao mourão da pista é para designar o espaço de cada caminhão e animais
Fonte: Acervo pessoal (2023)



Foto 2: Chegada ao parque por volta das 11:00 horas da manhã. Lona já estendida para proteger os animais do sol. Ao lado, pista de corrida e cabine onde fica o júri e locutor
Fonte: Acervo pessoal (2023)

Apesar de soar um tanto contraditório, na realidade e circunstâncias em que estão inseridas as mulheres vaqueiras, o reconhecimento a partir de uma figura masculina, seja por relação consanguínea ou matrimonial, significa para muitas delas, antes de tudo, a oportunidade de adentrar às competições. A “exigência” não obrigatória, mas fundamental, atribuída à problemática se fundamenta, pois, possuindo “família” dentro desses espaços ou mesmo conhecidos, a sua aceitação e até mesmo o respeito se veem viabilizados.

Quando não se possui uma rede familiar ou um “nome” (sobrenome de respeito/conhecido dentro da vaquejada), esse caminho tende a se tornar um pouco mais tortuoso. No caso das mulheres vaqueiras que se inserem nesse meio sem esse aparato, a AFEVA enquanto coletivo assume esse papel de “apoio” e “parentalidade”, demonstrando que família e gênero são construídos, e que envolvem performatividade e pessoas compósitas, cuja natureza é relacional. No entanto, para além de se ter ou não família, em ambos os casos, a honra feminina ainda segue referida a um “ideal”. Além da segregação das competidoras, também se evidencia um outro ponto pertinente e válido para esta análise: a sexualização dos corpos femininos, haja vista que no ambiente das disputas isso fora uma problemática desde o início da inserção das mulheres nas vaquejadas.

Essa problemática se fazia presente não somente entre os homens que agiam com segundas intenções, mas em sua grande maioria, por outras mulheres, sobretudo esposas de donos de parque e vaqueiros. Em razão disso, alguns proprietários chegavam a não aceitar a categoria feminina nas competições, devido a situação que se instaurava com suas companheiras. Xingamentos pejorativos como “putas”, “vagabundas”, “raparigas”, ou mesmo de que não estavam ali para correr e sim com outras interações, como roubar marido de outras pessoas, eram proferidos a gritos quando a categoria feminina entrava em pista durante as disputas, e estiveram presentes durante muito tempo na cena feminina.

Desse modo, considerando o cenário crítico inicial ao qual se depararam nas competições (não que ele tenha mudado muito atualmente), para além de se dedicarem as disputas e construírem seu prestígio tal qual os vaqueiros, as vaqueiras necessitam ainda,

se atentar para uma dimensão da “honra” mais pautada na postura que se assume em campo; no cuidado com sua vestimenta para que não exponha seus corpos; a cautela de com quem se anda, considerando ainda a existência de uma separação que ocorre entre solteiras e casadas.

Além disso, ao falarmos de julgamentos morais, soma-se a isso a questão “feminina-materna”, tendo as mulheres que lidar com julgamentos de valor que surgem diante da realização de um “cuidar”. A chegada da maternidade, evidenciada por Geovana, Helena e mais recentemente por Alice, traz consigo juízos atribuídos ao que se “entende” por ser ou não uma boa mãe. Olhares tortuosos por levar os filhos consigo e passar de 2 a 3 dias nas vaquejadas, deixar o filho em casa aos cuidados de terceiros para “ir correr”, ou mesmo as críticas por permitir que os filhos (as) também ingressem nas disputas e corram o risco de cair, são discursos ouvidos pelas mulheres, e que em consequência, podem afetar a possibilidade de participação delas nesses ambientes públicos.

As marcas corporais provocadas pelas quedas e acidentes femininos, classificam-se ainda como um marcador de gênero importante. Se no caso masculino as cicatrizes em seus corpos são uma prova da sua coragem e o “saber cair” é visto como algo admirável, em se tratando do caso feminino, as marcas em seus corpos não são bem recebidas enquanto sinônimo de descuido, além de que, não cair é posto como uma característica positiva e valorizada.

Considerações finais

Diante das constatações evidenciadas em campo, é possível fazer-se uma nova releitura da casa, que para além de como evidenciada por Marcelin (1999), estando atrelada a uma combinação de “ordem da natureza” e de “ordem social”, e embora seja um ambiente privado, pode se tornar em determinados momentos em um espaço público, a depender de “quem” o habita e “quando” o habitam. Um exemplo dessa transformação de espaço, conforme já se evidenciou, pode ser lido a partir das disputas de vaquejada, em que esse ambiente passa por uma (re)habitação, se abrindo às competições e recebendo um público diversificado e fora do seu convívio cotidiano. Mas, para além dele, também passa a contar, apesar dos desafios a cerca dessa inclusão, com a

participação das mulheres não somente como espectadoras ou acompanhantes dos maridos, mas agora também como vaqueiras.

Além disso, o pertencimento familiar que transmite valores e reputações evidencia a dimensão pública da família, mostrando não somente ligações familiares, mas reputações coletivas e individuais. Essas extensões, dentro de algumas trajetórias, se ampliam a essas mulheres fazendo delas também detentoras dessas caracterizações de prestígio social, algo que pode ir no sentido de uma expansão de uma honra masculina.

É a partir de diferentes histórias de vida, mobilização e, sobretudo, a desarticulação do ambiente das vaquejadas, esse espaço que ainda hoje se revela como marcadamente masculino, que essas mulheres constroem histórias, alianças, afinidade e associações, tanto para “fora” como para “dentro”, seja a partir de apoios mútuos, de conversas, conselhos e da comida (CENTELHAS, 2019).

Essa mobilização feminina transvertida nesse razoável sucesso adquirido por essas mulheres, chama atenção para essa presença “escanteada” de suas ações, seja nessa dimensão pública, como também no espaço restrito da casa e de “suas” funções domésticas. Essa visibilização, contudo, se dá não sempre dentro de parâmetros coincidentes ao de movimentos feministas, mas dentro de um agenciamento feminino como maneira de viver uma “tradição” centrada na masculinidade, causando rupturas, efeitos e transformações importantes ao longo dessa inserção.

Referências bibliográficas

AIRES, Francisco Jânio Figueira. **O “espetáculo do cabra macho”**: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/UFRN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CENTELHAS, Marcela Rabello. **Nas águas da política**: as mulheres, as cisternas e o curso da vida no agreste pernambucano. Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio e Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CARNEIRO, Ana. “Mulher é trem ruim”: a ‘cozinha’ e o ‘sistema’ em um povoado nortemineiro. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 25(2): 707-731, maio-agosto/2017.

DAINESE, Grazielle. “Trabalhos, Ajudas e Gênero: Um Olhar Desde as Experiências Das Mulheres Da Tercira Margem – Minas Gerais, Brasil.” **Tratado Latinoamericano De**

Antropología Del Trabajo. Edited by Hernán M. Palermo and María Lorena Capogrossi, CLACSO, Argentina, 2020, pp. 1213–1246.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo, Ed.: Perspectiva, 2008.

GARCIA JR., Afrânio; HEREDIA, Beatriz. Trabalho Familiar e campesinato. **América Latina**, ano.14, p.11-21, 1971.

HEREDIA, Beatriz. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEITE LOPES, José Sérgio. **O vapor do diabo**: o trabalho dos operários do açúcar. Buenos Aires: Antropofagia, 2011.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do leve. In: **Mulheres rurais**. Quatro décadas de diálogo. Florianópolis: Editora UFSC, 2016.

PALMEIRA, Moacir. 2009 [1977]. “Casa e trabalho: nota sobre as relações sociais na plantation tradicional”. In: Cliff Welch et alli. (org.). **Camponeses brasileiros: Leituras e interpretações clássicas**, vol. I. São Paulo/Brasília: UNESP/NEAD, pp.203-215.

PEREIRA, Luzimar Paulo. O movimento dos bichos. Notas etnográficas sobre animais, seres humanos e espaços em Urucuia, MG. **Ruris**, v. 9, n. 1, mar./2015.

PEREIRA, Renan. **Rastros e memórias**. Etnografia dos vaqueiros do sertão (Floresta – PE). 2017. 274 f. Dissertação_ (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS/UFSCar, 2017.

SILVA, Laenia. “**Avante, AFEVA**”: a luta das mulheres pela categoria feminina na vaquejada pé de mourão cearense. 2022. 182 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social_ - PPGAS/Museu Nacional. UFRJ, 2022.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

TEIXEIRA, Jorge Luan. **Na terra dos outros**: mobilidade, trabalho e parentesco entre os moradores do sertão dos Inhamuns (CE). 2014. 222 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2014.

WOORTMANN, Ellen. Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” no Nordeste. Brasília: **Série Antropologia**, 1991.